

Eurípides, Ifigénia em Áulide. Introdução e versão de Carlos Alberto Pais de Almeida. Notas e revisão de Maria Fátima Silva. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, J.N.I.C.T. 1998, 2ª ed..

Esta é uma segunda edição da versão portuguesa da peça euripídiana *Ifigénia em Áulide*. A primeira, há muito esgotada, datava de 1971 e tivera por base um trabalho de investigação realizado no âmbito da preparação da dissertação de licenciatura de um jovem helenista de nome Carlos Alberto Pais de Almeida, vitimado pela Guerra Colonial, e que, por isso, não teve oportunidade de concluir o seu projecto.

Seguindo a meritória tarefa de aproximar o público português dos textos dos antigos autores gregos, Maria de Fátima Sousa Silva apostou numa reedição dessa tradução da peça que, por ironia do destino, também parece ter ficado inacabada e só foi representada em Atenas, depois da morte do poeta (c. 407/406 a.C.). Mas como a própria A. declara no *Prefácio à 2ª Edição*, «uma reedição impunha, naturalmente, algumas exigências de actualização do trabalho então apresentado, bem como a redacção de raiz de um conjunto de notas à tradução que nunca tinha sido realizado.» (p.11).

No capítulo introdutório, foram preservados, na íntegra, os blocos temáticos que compunham a *Introdução* da 1ª ed.. Os seis sub-capítulos iniciais (“Data e Lugar da Composição”, “O Mito e as Fontes”, “Caracterização das Figuras”, “O Coro”, “Análise e Interpretação” e finalmente “O Problema da Autenticidade do Prólogo”) foram transpostos para esta nova edição, não havendo alterações a assinalar. Apesar de se tratar de uma das peças mais problemáticas de Eurípides, quer ao nível da interpretação quer da própria fixação crítica do texto, que nos apresenta passos de leitura muito difícil e de autenticidade duvidosa, a verdade é que o rigor científico e a profundidade de análise que caracterizavam o estudo introdutório, não justificavam uma alteração da redacção original. As edições críticas posteriormente editadas, nomeadamente a de Diggle, em que se baseia a versão agora apresentada, bem como todo um conjunto de estudos recentemente publicados em torno dos temas da peça, não diminuíram a pertinência e a actualidade das questões então tratadas e que se consideravam —e continuam a considerar— nucleares para a interpretação desta tragédia.

Quanto à tradução, a leitura comparada das duas edições revela já ligeiras alterações, sobretudo no alinhamento sequencial de alguns versos, transmitidos de forma mais obscura ou sobre os quais recaem fortes suspeitas de autenticidade. Notem-se, a título de exemplo, algumas das alterações que adquirem maior visibilidade no corpo do texto: a distribuição dos vv.6-15 do prólogo e dos vv. 631-635 do 2º episódio; no párodo, os vv. 590-597 deixam de ser atribuídos a um Coro Secundário, como acontecia na 1ª edição; o

Recensões

reaparecimento do v. 441, que se encontrava suprimido na versão anterior. No intuito de facultar o texto a um público não especializado, a A. optou, no entanto, por não incluir notas de crítica textual nem assinalar com as habituais *cruces*, os versos mais controversos.

Como já vai sendo prática corrente entre os tradutores das antigas peças gregas, também foram inseridas, pontualmente, notas didascálicas, deduzidas do texto da peça, e que visam informar sobre os parques expedientes cénicos, utilizados pelo austero teatro grego.

Por fim, a completar esta reedição, a A. acrescentou as esperadas notas explicativas, sucintas mas muito oportunas, e uma bibliografia criteriosamente seleccionada e actualizada.

Vale sempre a pena ler ou reler a *Ifigénia em Áulide*, de Eurípides.

MARIA FERNANDA BRASETE

Teofrasto, *Os Caracteres*. Introdução, Tradução e Notas de Maria Fátima Silva. Lisboa, Relógio D'Água, «Humanitas—Autores Gregos e Latinos», 1999 . [ISBN 972-708-531-8]

É sempre de saudar, nos nossos dias, o aparecimento de novas colecções que apostem na divulgação dos textos dos autores greco-latinos, onde, como se sabe, se encontram as verdadeiras raízes da literatura ocidental. É graças ao meritório e, comercialmente, arriscado esforço que a editora Relógio d'Água está a fazer para aproximar o leitor português dos clássicos greco-latinos, que vê agora a luz esta publicação de uma versão portuguesa d' *Os Caracteres* de Teofrasto (c. 370 a.C.— 288 a.C.).

Adoptando um esquema já canónico, o livro consta de uma *Introdução*, uma *Bibliografia*, uma *Tradução* portuguesa e, para terminar, numerosas *Notas* explicativas do texto.

Na *Introdução*, a A. começa por uma breve mas precisa apresentação daquele que foi discípulo de Aristóteles, de quem terá recebido a própria alcunha de Teofrasto (que significa «aquele que tem dons divinos no uso da palavra»), e mestre do poeta mais emblemático da Comédia Nova, Menandro. Depois segue-se uma reflexão cuidada e bem articulada sobre a controvérsia que rodeia a natureza ímpar destes fragmentos, cuja leitura resulta difícil, tanto devido a problemas de fixação do texto como relativamente à organização dos trinta retratos de tipos humanos que o compõem. Tendo em conta o contexto intelectual, sociopolítico e cultural em que esta obra foi produzida, a A. procura frisar as inegáveis afinidades que aproximam este opúsculo do pensamento ético de Aristóteles, da prática retórica e mesmo do género cómico, mas acautelando sempre a ideia de que